

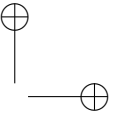
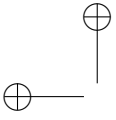
FILOSOFIA E TERAPIA EM WITTGENSTEIN



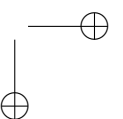
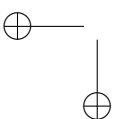
João Carlos Salles Pires da Silva

2005

www.lusosofia.net



Artigo originalmente publicado em *Analytica*, Volume 9, Número 2, 2005, e agora republicado na LUSOSOFIA.NET com consentimento do autor. Este texto também pode ser acessado [aqui](#)





LUSOSofia:PRESS

FICHA TÉCNICA

Título: *Filosofia e Terapia em Wittgenstein*

Autor: João Carlos Salles Pires da Silva

Colecção: Artigos LUSOSOFIA

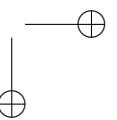
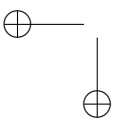
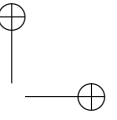
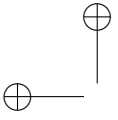
Direcção da Colecção: José M. S. Rosa & Artur Morão

Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: José M. S. Rosa

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2012



FILOSOFIA E TERAPIA EM WITTGENSTEIN

João Carlos Salles Pires da Silva*

UFBA/CNPq

“Ovrvn Zig wvh lsrpmhmlsrvivnh rhg ori hvpyhg roovi nmxs—, & roovi drvwvi, nvf, & wzsvi ofhh rxs orxs hm mug drvwvismpv. Vrvni z[w | n]wvivn Tvnvizgrmn d[ir | ri]w hrv rn Upvrhxs & Ypfg fyvitvtzntvn hvrn & hrv d[i | r]iw wrv Drvwvismpfntvn pzntdvrprt urnwvn. Ufi orxs hrnw hrv nmgdvnwrt. — Diese Methode ist im Wesentlichen der Übergang von der Frage nach der *Wahrheit* zur Frage nach dem *Sinn*.”

Ludwig Wittgenstein, MS 105, p. 46.

I

Em anotação de 1929, nossa epígrafe, Wittgenstein discorre sobre sua maneira própria de filosofar. Na parte cifrada da anotação, acentua um seu traço característico: ela se lhe afiguraria sempre e ainda de todo nova, obrigando-o, por isso, a muitas repetições – incontornáveis e necessárias embora. A uma outra geração (uma que se tenha entranhado dessa sua maneira), suas repetições pareceriam maçantes e mesmo dispensáveis, tendo em conta resultados talvez bem estabele-

(*) Professor do Departamento de Filosofia da UFBA. Esta pesquisa conta com o apoio de bolsa de produtividade do CNPq.

cidos.¹ Essa passagem, parece-nos, comporta mais fundamentamente um certo ar melancólico, porquanto adivinha, na promessa mesma de plena realização futura, a impossibilidade de a obra ter autênticos herdeiros. Afinal, autoterapia a mais estrita, seria quase paradoxal pensarmos poder retomá-la; e os eventuais herdeiros... nós estaríamos condenados a trai-la em sua motivação essencial, conservando-lhe o movimento de esclarecimento conceitual na forma algo degradada de uma teoria.

Não se associam, porém, a essa repetição seja o caráter incipiente de sua filosofia seja sua insipiência como filósofo. Ao contrário, após a menção a tais repetições ineludíveis, Wittgenstein apressa-se em registrar (no mesmo parágrafo, embora extraordinariamente não mais em linguagem cifrada – como que fazendo a passagem de uma voz confessional para uma prescrição pública) um traço próprio da essência do filosofar, à medida que pode traduzir-se em um método. Se essa maneira pode de alguma forma ser considerada um método, este só pode consistir, no essencial, em uma dada transição, qual seja: aquela por que nos deslocamos da pergunta sobre a verdade para uma pergunta pelo sentido, como que retornando então ao solo do qual decorrem e onde podem dissolver-se as repetições.²

Dois aspectos dessa *Art des Philosophierens* nada têm de novo. Em primeiro lugar, permanece a rejeição à teoria, continuando a filosofia *wesentlich* uma atividade de esclarecimento – abaixo ou acima, mas nunca ao lado das ciências. Uma intuição do *Tractatus* só tende a radicalizar-se. Nele, Wittgenstein enunciara, nos aforismos 4.11 a 4.112, a diferença de princípio entre ciências naturais (a que se limitaria o campo do significativo) e filosofia, que o ultrapassaria, uma vez que

(1) Este, o texto da parte cifrada: “Meine Art des Philosophierens ist mir selbst immer noch, und immer wieder, neu, und daher muß ich mich so oft wiederholen. Einer anderen Generation wird sie in Fleisch und Blut übergegangen sein und sie wird die Wiederholungen langweilig finden. Für mich sind sie notwendig.” (WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 177; MS 105, p. 46.)

(2) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, p. 177; MS 105, p. 46.

investiga não o meramente possível, mas antes sua necessidade.³ Com seus novos recursos conceituais, pode talvez afirmar: Enquanto ao cientista cabe o jogo da descrição, o filósofo investiga suas regras e instrumentos. Se, naquele primeiro momento, a filosofia pôde abandonar-se a si mesma e retirar-se de cena após ter demarcado, de uma vez por todas, os limites do significativo, com o resultado extraordinário de importar pouco o que é autenticamente uma proposição, sua tarefa permanecerá terapêutica, quando tais limites não mais puderem ser demarcados, tornando-se, de resto, infundável.

Em segundo lugar, essas páginas de prenúncio do novo testamento comungam com o velho a remissão fundamental a um solo de modalidades, no qual apenas pode ter lugar a passagem para a pergunta pelo sentido. Em uma formulação literária pouco feliz, a filosofia continua “a gerente da gramática”, melhor ainda, é doravante a gramática de palavras como “müssen” e “können”,⁴ como outrora decidira sobre os limites do território disputável da ciência.⁵ Entretanto, para além dessa semelhança de fundo, tem início um (agora infundável) processo terapêutico, pelo qual se desenha a unidade da obra por uma reiterada latência retrospectiva. Com isso, o mesmo movimento que a transformaria em um documento idiossincrático, conferindo-lhe unidade por uma dada reiteração, vai coincidir com um deslocamento definidor do fazer filosófico.

Talvez seja este o sentido do deslocamento da confissão para a imediata prescrição metódica. O deslocamento, mesmo sucinto, não é sem razão nem

(3) “A totalidade das proposições verdadeiras é toda ciência natural (ou a totalidade das ciências naturais). (4.11) A filosofia não é uma das ciências naturais. (A palavra “filosofia” deve significar algo que esteja acima ou abaixo, mas não ao lado, das ciências naturais.) (4.111) O fim da filosofia é o esclarecimento lógico dos pensamentos. A filosofia não é uma teoria, mas uma atividade.” (WITTGENSTEIN, Ludwig, *Tractatus Logico-Philosophicus*, 4.11 a 4.112.)”

(4) “(Es wäre nicht ganz unsinnig zu sagen, die Philosophie sei die Grammatik der Wörter “müssen” und “können”, denn / so // damit // zeigt sie, was a priori und a posteriori ist.)” (WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wittgenstein’s Nachlass*, MS 119, p. 24.)

(5) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Tractatus Logico-Philosophicus*, 4.113.

sem conseqüências. À primeira vista, estaria registrada na anotação a impossibilidade de nos legar qualquer herança. Assim como não mais podemos redimir-nos de uma falta fazendo apanhar um nosso servo, tampouco poderíamos curar-nos por uma terapia alheia. Entretanto, temos em conta aqui uma singular terapia filosófica. Ela não se recusa apenas a enunciar teses (que talvez singularizassem seu discurso por um percurso único e o comprometessem com um desenho particular do mundo); além disso, ela se perfaz por um deslocamento que pode ser prescrito, sendo elucidativo então que, para Wittgenstein, repetir uma questão equivalerá muita vez a reconduzi-la, no interior da linguagem, a um novo solo de modalidades. Fazer filosofia e fazer terapia coincidem assim no mesmo movimento por que se critica o dogmatismo anterior do *Tractatus*, sendo doravante reconduzido um problema a uma nova determinação da relação entre o necessário e o possível – uma determinação interna e, todavia, não mais universal e definitiva, mas sim provisória e gramatical em sua necessidade.

II

Na descrição da terapia, é difícil ocultar um certo sentimento de conspiração contra as origens, de método que se anula. Essa negatividade do labor filosófico não é gratuita. Afinal, o filósofo não deixa de dirigir-se a questões que, sem sua ação, talvez jamais fossem colocadas. Opera como que pelo inusitado. Assim, amalha exemplos, como uma velha senhora guardaria farrapos, botões, peças soltas. Não obstante, sempre o faz com um propósito determinado, mas de tal sorte que sua ação pode ela própria ser o maior sintoma da doença que procura tratar, assemelhando-se o procedimento terapêutico e a doença: “Em certo sentido, a recolha de exemplos é boa; em outro, porém, é o mais seguro sinal da doença filosófica”.⁶ Por isso também, repete várias vezes Wittgenstein, o filósofo só pode tratar uma questão como uma doença, não podendo mais haver exatamente

(6) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wittgenstein's Nachlass*, MS 132, p. 154.

um método, mas sim métodos, ou melhor, diferentes terapias.⁷ Aqui, um *Gleichnis* de Wittgenstein pode bem refrescar o entendimento desta questão específica, que suscita a terapia como aspecto interno à linguagem: Nossa linguagem sempre nos coloca novos nós no pensamento; e o trabalho filosófico, doravante interminável, nunca completa a tarefa de desatá-los.⁸ Em sendo assim, “o filósofo deve cuidar sobretudo para não cortar um nó ou romper um fio. Ele precisa desatar todos os nós.”⁹ Nesse sentido, contrapõe-se, por princípio, a atividade filosófica de esclarecimento, seu movimento labiríntico, à tarefa da ciência ou de qualquer teoria que pretenda assentar teses.¹⁰ O filósofo confronta-se com situações conceituais confusas. Como resultado da terapia, liberta a mosca, não se espera um resultado superior àquele com que de início já conta o enxadrista, qual seja, nenhuma hesitação diante do próprio jogo e suas regras.¹¹

Consideramos esse aspecto do labor filosófico essencial para Wittgenstein. Tendo-o em conta, sua obra passa a exigir uma leitura que também recomponha esse mesmo movimento terapêutico. Não é exatamente o que tem tido lugar com uma certa cultura de *papers*, que parece pretender fazer filosofia à maneira como certas ciências são feitas. Por isso, lêem certas contribuições de Wittgenstein como modelos de refutações de certas teses filosóficas, como se sua argumentação vi-

(7) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wittgenstein's Nachlass*, TS 230, § 524.

(8) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wittgenstein's Nachlass*, TS 211, p. 403.

(9) WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wittgenstein's Nachlass*, MS 117, p. 191. Esta anotação de 1937 recupera e sintetiza anotações anteriores. Por exemplo: uma célebre anotação de 1929 [ou 1930], em que Wittgenstein se questiona por que a filosofia é tão complicada quando deveria ser de todo simples: “— A filosofia desata os nós em nosso pensamento, que urdimos de modo insensato; por isso, porém, ela precisa fazer movimentos tão complicados quanto o são esses nós. Embora então o *resultado* da filosofia seja simples, não o pode ser seu método de chegar a ele. A complexidade da filosofia não está sua matéria, senão em nosso entendimento atado.” (WITTGENSTEIN, Ludwig, *Philosophische Bemerkungen*, § 2.)

(10) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wittgenstein's Nachlass*, TS 213, p. 422.

(11) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 18; MS 116, p. 59.

sasse tão-somente à verdade e não, mais fundamente, às condições de sentido. Com isso Wittgenstein parece ser chamado a desafiar a história da filosofia inteira (em particular, todas as espécies de dualismo que lhe seriam estranhos), quando ao contrário Wittgenstein retorna muita vez a seus fantasmas mais íntimos, a imagens que nunca lhe são exatamente estranhas e, sobretudo, retorna a questões filosóficas postas por sua filosofia, de sorte que a terapia nunca deixa de ser, em seu caso, autoterapia. Será, enfim, preciso, para recuperar-lhe a essência, ter ciência dessa perda em parte irreparável, pois não podemos repetir o movimento puro e simples da obra. Em outras palavras, a dificuldade da herança wittgensteiniana está em conservar seus resultados não apenas em teses ou em sua inventividade analógica, importando para tanto a identificação dos *exemplos* que lhe são próprios ou propícios. E, uma vez conquistados, seus resultados não devem delir o aspecto terapêutico que, afinal, os suscitou, não tendo sido sem propósito a coleção filosófica de fragmentos de linguagem. Caso contrário, tudo que fora atividade, pergunta pelo sentido, tornar-se-á teoria, pergunta pela verdade, invertendo-se com isso a passagem essencial do método.

A terapia dissolve, pois, confusões conceituais; afinal, na filosofia, é sempre preciso perguntar: “Como se pode enxergar este problema de modo que se torne solúvel?”¹² Essa estratégia, entretanto, esclarece pouco, tornando-se ela mesma um tanto mais clara apenas se contraposta a uma particular visão do trabalho filosófico. A esse aspecto indelével e algo negativo, associa-se, contudo, como vimos, alguma prescrição metódica, cabendo separar o que serve a um esclarecimento exemplar do próprio exemplo que solicita esclarecimento. Importa, assim, distinguir entre o *Gleichnis*, que refresca o entendimento, e o *Beispiel*, os exemplos autênticos a que se dirige e não pode contornar, as imagens que sempre retornam e atormentam.

A terapia não é um maneirismo. O filósofo acumula exemplos em uma direção determinada, enfrenta *Beispiele* (e não apenas *Gleichnisse*), procura o caos

conceitual e, com isso, torna-se sobretudo uma interminável autoterapia.¹³ Afinal, se a filosofia é uma gramática de modalidades e, como tal, se situa no campo do sentido antes que no mero campo das verdades, o filósofo não pode deixar de mover-se, dado tamanho ruído de fundo, deslocamento tão profundo no sistema de modalidades. A terapia opera tratando os mesmos problemas em novo contexto. Com isso, até a identidade do problema se vê alterada, provando ilusão tão forte de descontinuidade. Entretanto, como o confronto entre os dois contextos são a pedra de toque que faz deslocar a pergunta para o sentido, reafirma-se também a unidade da obra, que o próprio Wittgenstein nos ensina a ler.¹⁴

Gleichnis e *Beispiel* podem decerto confundir-se. Há entre eles uma semelhança de família, embora não possamos desconhecer-lhes diferenças, como a que, trivial, se coloca entre o instrumento e o objeto da terapia. Apesar da semelhança, há diferença importante entre o que, fazendo parte de seu método, serve à exemplificação terapêutica (como a analogia entre a linguagem e o jogo de xadrez) e os exemplos que a solicitam – como as proposições gramaticais sobre cores ou a aparente exigência de um reino espiritual como fonte da significação. O exemplo toca questões filosóficas essenciais. De certa forma, as confusões exemplares incidem antes sobre o modo de ver, sobre a constituição mesma da experiência. Por esse viés, as questões exemplares são gramaticais. Mais que isso, em se tratando de exemplo que suscita terapia, o ponto da reiteração deve ter história na obra, sendo fonte de confusões conceituais, sobretudo, por mobilizar imagens aparentemente naturais, como a de que, sobre cores, aprendemos por olhar ou que o amor seja um sentimento ou ainda que a significação seja resultado da ação do espírito. Isso não impede o uso outro de analogias, cabendo

(13) Provavelmente, todo problema é, em tese, passível de terapia. Não obstante, nem todo a merece, ou a filosofia seria um exercício apenas ocioso, um virtuosismo algo deplorável e sem profundidade. Nesse sentido, não é irrelevante a distinção entre *Gleichnis* e *Beispiel*, que aliás propusemos e desenvolvemos anteriormente em “O Exemplo e a Alegoria”, conclusão do livro *A Gramática das Cores em Wittgenstein* (CLE/Unicamp, Campinas, 2002).

(14) Cf. Prefácio às *Philosophischen Untersuchungen*.

lembrar o alívio terapêutico de confrontar a situação confusa de seguir regras com a de todo homóloga e pacífica situação do jogo de xadrez, pois esta é claramente convencional, não nos levando à ilusão de eventualmente remeter suas relações internas a qualquer realidade extralingüística. Com isso, a comparação com o xadrez, em função alegórica, pode refrescar o entendimento neste caso e, aliás, em vários outros.

A tensão entre filosofia e terapia coloca muitos desafios. Gostaríamos de examinar, à luz dessa tensão, dois diálogos com a obra intrinsecamente complementares, mesmo quando, no limite, incompatíveis: o de quantos pretendem compreendê-la e o de herdeiros que, tendo-a compreendido fundamente, pretendem contudo ultrapassá-la. No primeiro caso, procuraremos mostrar, mediante um caso específico, como a remissão autoterapêutica confere unidade à obra – que se tece, por assim dizer, por um movimento de latência retrospectiva, retomando questões relativas à determinação da significação, às relações internas entre linguagem e mundo. A obra desloca temas antigos para um novo solo, examinando-os com outros recursos metódicos e sob uma perspectiva que não mais pode dispensar a introdução de componentes pragmáticos. No segundo caso, mediante um breve exame de uma valiosa contribuição filosófica, o projeto de uma pragmática filosófica, pretendemos destacar algumas dificuldades resultantes da apresentação de teses que, sem contradição, se pretendam teses, filosóficas e, ainda por cima, terapêuticas.

III

O *Tractatus*, como sabemos, é pano de fundo inclusive para identificar tais temas que, exemplarmente, dão unidade à obra e solicitam terapia. Certamente, um tema exemplar é a suposição da necessidade de um sujeito para a constituição mais elementar da experiência. Sob esse prisma, o problema do argumento da linguagem privada adquire um estatuto especial, tornando-se relativo ao problema da determinação de expressões próprias à descrição dos dados dos sentido, de sorte que uma atribuição possa autorizar aplicações futuras de uma palavra. Na verdade, o argumento da linguagem privada parece testar tal aspecto em uma

situação extrema, qual seja, a das condições prévias à determinação do sentido, as ligações preparatórias que, indescritíveis, sustentar-se-iam apenas por laços intencionais, arbitrários e, em última instância, inefáveis. Temos assim um tema comum à obra, de modo que podemos considerar o problema da linguagem privada como um caso da temática própria da ligação entre nome e objeto, enquanto simples, um tema curial da obra wittgensteiniana, em particular, no *Tractatus*, incidindo sobre as condições prévias à possibilidade da determinação do sentido.

Lembremos rapidamente essa questão no *Tractatus*. Como as condições de verdade das proposições são condições das elementares, a fixação do sentido deve ser um processo finito. Desse modo, o processo de redução precisa terminar, sob pena de, simplesmente, nunca estar determinado. Afirma-se, então, entre outras exigências formais da possibilidade de dizer o mundo, a da simplicidade de nomes e objetos.¹⁵ Nesse ponto extremo e, contudo, necessário, uma ligação entre nome e objeto deve ser fixada, mas sem razão alguma, uma vez que os objetos de mesma forma lógica se diferenciam apenas por serem diferentes.¹⁶ Com isso, um sujeito é solicitado, pela nomeação, a indicar e a distinguir o que não se distingue por nada. Solicitado a cumprir uma tal tarefa preliminar e aparentemente inocente, bem sabemos como algum sujeito pode ser sobrecarregado de funções no *Tractatus*.¹⁷ Ora, não por acaso, é flagrante que tal situação extrema, com a devida diferença de contexto teórico, guarda significativa semelhança com a possibilidade de formulação do problema da linguagem privada,¹⁸ cuja dissolução talvez

(15) “A simplicidade de nomes significa que eles devem ser considerados como signos primitivos e que não podem ser explicados por definições, isto é, indica que a sua única função na frase é a de denotar objetos. Por sua vez, a simplicidade dos objetos garante a possibilidade de que as frases elementares possam descrever correta e completamente uma situação.” (LANDIM, Raul, “Análise da Noção de Objeto e de Representação em uma Filosofia da Consciência e em uma Filosofia Lógico-Lingüística”, p. 509.

(16) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Tractatus Logico-Philosophicus*, 2.0233 e 2.02331.

(17) Cf. CUTER, João Vergílio, “A Ética do *Tractatus*”.

(18) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Philosophische Untersuchungen*, § 243.

nos mostre, na ausência de componentes pragmáticos, ser insuficiente e também desnecessário um qualquer sujeito. De todo modo, em qualquer de suas versões, acompanharmos uma descrição fenomenológico-gramatical no caso do simples importa em nos dirigirmos às condições preparatórias para enunciados significativos, quer quando a noção de ‘paradigma’ responde a uma investigação “fenomenológica”, quer quando Wittgenstein mostra a insuficiência do modelo nome-objeto para a expressão de dores, quer quando analisa as condições limite para a expressão de sensações ou quando analisa a diversa gramática do ‘ver’ e a do ‘ver como’.

Sob esse mesmo aspecto, o tema da ligação primitiva entre sinal e sensação, sem a mediação de um sentido, pervade claramente o território vigiado do argumento da linguagem privada. Basta-nos lembrar a contigüidade do célebre bloco de parágrafos com o § 239, que se refere à evidência disponível para a nomeação quando referida a um simples:

“Como ele pode saber que cor deve escolher quando escuta “vermelho”? – Muito simples: deve tomar a cor cuja imagem lhe ocorre ao ouvir a palavra. – Mas como pode saber que cor é esta ‘cuja imagem lhe ocorre’? É necessário para isso um critério adicional? (Há decerto um processo: escolher a cor que, com a palavra ..., ocorre a alguém.)

“‘Vermelho’ significa a cor que me ocorre ao escutar a palavra ‘vermelho’” – seria uma *definição*. Não uma explicação da *essência* da designação por uma palavra.”¹⁹

Ora, esta é uma pista preciosa. Trivial a proximidade entre os parágrafos quase contíguos, ela costuma ser apagada por abundante bibliografia, que, primeiro, tende a separar e a tratar como um bloco independente o conjunto de parágrafos sobre a linguagem privada; e, segundo, tende a afastar esse conjunto de contribuições anteriores, pelas quais fica evidente o laço estreito entre o tema da ligação entre nome e objeto, o da fixação de um paradigma, o das condições limi-

te para a significação e, enfim, a possibilidade de notar um aspecto. Em comum, o serem condições lingüísticas para a significação e o avizinham-se todas do subjetivo pelo aspecto fenomenológico da intencionalidade, apresentando medidas compartilháveis para a ligação entre o interno e o externo. Talvez estejamos levando por demais a sério aquela instrução de Wittgenstein de considerarmos seus novos pensamentos à luz dos antigos, mas julgamos produtivo ler o § 243 e seguintes como correlatos ao difícil tema do sentido de uma relação ostensiva que, em última instância, dependeria do arbítrio, da intenção de quem nomeia e, logo, de um reino íntimo, privado e fonte última da significação, pois uma sua essencial condição de possibilidade.

Como sabemos, em certo momento posterior ao *Tractatus*, Wittgenstein associa essa fixação do sentido essencialmente à noção de 'intenção', dependendo disso a possibilidade de uma resposta adequada à aporia proposta por Henry Price, em seu *Thinking and Experience*, de 1953. Como se a sintetizar objeções à constituição de classes, Price advoga então que toda constituição padece de alguma circularidade, pois necessitaria dar por resolvido o problema da semelhança, quer quando a remete a universais exteriores à classe ela própria, quer quando seleciona, no interior das classes, certas amostras que funcionariam como objetos exemplares. O problema a que alude Price não pode, entretanto, ter uma solução, caso nos defronte com uma corrida cética, com a qual perguntamos, por exemplo, segundo qual interpretação seria vermelho o padrão do vermelho ou como podemos saber se tem 1 metro o próprio padrão do metro.

Há, porém, um laço interno entre intenção e amostra. A amostra é ela própria um meio de expressão lingüístico.²⁰ Assim se introduzem meios como partes da linguagem, sendo essencial a ligação entre linguagem, realidade e também

(20) "Wenn ich jemandem mitteilen will welche Farbe ein Stoff haben soll so schicke ich ein Muster und offenbar gehört dieses Muster zur Sprache und ebenso gehört dazu das Gedächtnis oder die Vorstellung einer Farbe die ich durch ein Wort erwecke." (WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 192; MS 107, p. 281.)

ação. E este recurso se dá com qualquer medida que dependa de um parâmetro. Não há, nesses casos, relação apenas externa, mas uma sobretudo e essencialmente interna. Reconhecer é conhecer um laço interno, sem o intermediário de um terceiro evento que não é a imagem nem o afigurado, sendo o reconhecimento um critério do seu acerto.²¹ Não fosse assim, a apresentação de uma amostra não poderia sozinha resolver o problema da constituição de pontos excelsos. Tampouco o gesto ostensivo, cabalmente externo, teria qualquer univocidade ou significado, podendo ser interpretado independentemente, como podemos apenas dançar em torno de um sinal de trânsito, não tivesse a intenção o sentido preciso de agarrar-se em conjunto com sua expressão e emprego. A intenção se fixa como o faz, de resto, a própria significação e nunca como um conteúdo mágico e inacessível.²²

Price teria razão, se competisse à consciência ligar por antenas invisíveis retrato e retratado. Não havendo semelhança, precisaríamos então ver esse laço interior, para o qual nenhum modelo teríamos e, tudo vendo nele, nada veríamos enfim. Com efeito, a amostra sozinha não se distingue como tal, ou seria descritível em sua condição de amostra. Tampouco o gesto, isoladamente, pode evocar qualquer mensagem interior, apresentando-nos um desejo de outra forma inefável. Desse modo, com independência de qualquer semelhança, o essencial do paradigma pode ser a intenção, mas sob uma nova luz pragmática. E novo passo deve aqui ser dado, em nada se comprometendo a solução wittgensteiniana com uma saída mentalista ou com a busca de fundamento em uma instância extralingüística.

A intenção nunca se confunde com interpretação, pura e simplesmente, o que nos permite fugir à aporia posta por Price. Com isso, a distinção entre pontos

(21) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 197; MS 107, p. 290.

(22) “A significação de uma palavra não é o objeto que ela designa, nem uma experiência que se produziria quando a pronunciamos ou entendemos; a significação de uma palavra é determinada pelas regras que valem para ela: é o lugar que ela ocupa no espaço gramatical.” (WITTGENSTEIN, Ludwig, in SOULEZ, Antonia (Org.), *Dictées de Wittgenstein 1*, p. 224.)

excelsos e outros elementos da percepção é o próprio lugar de constituição da gramática. Em outras palavras, a distinção entre primário e secundário não é exterior a jogos de linguagem, e a ostensão mesma não tem qualquer sentido, se não se inserir em práticas que selecionam seu possível sentido. “Isto é vermelho”, por exemplo, refere-se a cores apenas em jogos com cores, não estando na natureza da amostra quer ser primária, quer ser cor.

Um ponto excelso como esse, um simples, deve ser *unmißverständlich*, afirma no Dátiloscrito 213, o célebre *Big Typescript*.²³ Este é o sentido de primário e, logo, de *zeitlos*. O próprio gesto ostensivo, todavia, poderia ser interpretado, não podendo constituir-se univocamente, salvo ao incorporar como parte de sua determinação o seu emprego. Caso tenhamos isso em conta, fica clara necessidade de explicitar os limites do modelo nome-objeto, mesmo e sobretudo nas situações limite de incorporação de recantos da matéria à linguagem, mostrando-se natural a exigência de critérios externos também para as sensações internas, de sorte que a ficção extrema de uma linguagem privada oferece-nos sobretudo um teste dessas dificuldades relativas às condições de possibilidade de algo vir a ser um objeto, sendo portanto relativa às condições de possibilidade da significação.

IV

A terapia de uma imagem persistente mostra-se um traço unificador da obra e não apenas uma sua proposta ou um resultado. Desse modo, tendo-a em conta, podemos compreender melhor a continuidade de temas e talvez de postura, em meio à radical diferença de contexto, ao universo distinto de modalidades, que não mais permite ao filósofo compor um livro, mas tão-somente um álbum. Porém, a terapia ela mesma não se torna inadvertidamente um resultado? Não projeta ela um desenho singular do mundo, passível, portanto, de gerar teses gerais que, uma vez compreendidas, podem ser ultrapassadas? Examinemos como esse

(23) WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 11, p. 47.

aspecto paradoxal é vivamente confrontado por uma valiosa contribuição teórica, a pragmática filosófica de Arley Ramos Moreno.

O projeto de uma pragmática filosófica advém de uma certa herança terapêutica de inspiração wittgensteiniana, procurando produzir teses positivas e, todavia, não dogmáticas. Seu desafio, de início, consiste em mostrar como uma tese, em sendo tese, pode essencialmente não se tornar dogmática, de sorte que sua dimensão preventiva se sobreponha, porquanto alicerçada em uma supressão dos limites claros entre ontologia e epistemologia. Desse modo, porém, o projeto de uma pragmática filosófica parece conspirar contra suas origens. Para afirmar-se, afinal, deve promover um deslocamento de uma concepção de filosofia como atividade terapêutica a uma filosofia da linguagem.

Como, entretanto, uma tese pode ser preventiva sem tornar-se, ao fim e ao cabo, dogmática? Como se alicerçar em uma vagueza, a saber, na condição intermediária que seria própria do pragmático, sendo situado este entre o empírico e o transcendental? Podemos examinar as dificuldades de um tal movimento, reconstituindo-o, e não de modo abstrato, como se acaso construíssemos uma demonstração em estado de épura, mas na própria tematização da terapia pelo livro *Idéias para uma Pragmática Filosófica*,²⁴ espécie de prolegômenos a uma filosofia que talvez não pretenda tornar-se ciência, mas de cujas transgressões Arley Moreno bem reconhece o preço.

(24) A produção teórica de Arley Moreno comporta comentários bem cuidados à obra de Wittgenstein, a exemplo de seus textos sobre o *Tractatus* e, em especial, seu célebre *Wittgenstein: Através da Imagens*. O alentado livro *Idéias para uma Pragmática Filosófica: De uma Concepção de Filosofia como Atividade Terapêutica a uma Filosofia da Linguagem*, reunindo textos antes publicados em periódicos e textos inéditos, está sendo lançado pela Editora da Unicamp. Ao redigirmos este artigo, não tivemos acesso à versão revisada e formatada do texto, senão a uma sua versão preliminar – o que nos impediu uma transposição fiel de textos e uma indicação precisa de páginas. Por isso, optamos por parafrasear certos trechos do livro, cabendo registrar que, nas passagens seguintes, serão felizes as passagens acaso mais próximas da prosa de Arley Moreno e talvez errôneas as que, provavelmente, expressam limitações de nossa leitura.

Nesse campo, há uma oscilação natural, e. g., em uma noção como a de 'uso', porque dúplice seu registro, sendo ela ora um expediente terapêutico, ora uma proposição sobre a natureza da significação. O confronto com Wittgenstein explícita, na verdade, uma tensão característica da possibilidade mesma de uma pragmática como componente de uma teoria das relações entre linguagem e mundo. Através de tal confronto, pode talvez explicitar-se a tensão constitutiva do projeto de uma pragmática filosófica por que se pretende destacar o aspecto pragmático da constituição da experiência, evitando a idéia da naturalização das convenções lingüísticas, bem como uma qualquer metafísica de processos transcendentais puros.

O trabalho atual de Arley Moreno, que ora examinamos, ainda tem um caráter propedêutico, convidando-nos apenas a aguardar as minúcias de uma pragmática filosófica. A questão por enquanto deve ser: Podemos fazê-lo sem temor? Jamais! – diríamos em conjunto com ele próprio. Entretanto, a introdução que ora nos oferece, suficiente em sua autonomia filosófica, já se nos apresenta, com plenos méritos, como uma clara coleção de idéias gerais para uma determinada finalidade. Vamos, então, por partes. O que seria uma pragmática filosófica? A resposta possível não é uma definição, mas antes um espaço de articulação filosófica. Do conceito amplo de 'pragmática', Arley Moreno salienta o aspecto pragmático da *significação lingüística*, por exemplo, as diversas técnicas de nomeação ou de organização dos conteúdos da experiência – o que Wittgenstein denominaria talvez de *práxis* da linguagem. O grande tema da pragmática filosófica, assim, são os processos de constituição do objeto, sem dever todavia arriscar-se a dizê-lo. Trata-se, pois, de concepção com herança e finalidade. Como herança, certas questões epistemológicas, como as resultantes do debate sobre necessidade analítica e necessidade sintética. Preserva-se aqui a idéia de um transcendental, mas os princípios formais elementares do conhecimento são colocados não na própria percepção, mas no simbolismo, enfrentando doravante o enigma de como constituir os conteúdos da experiência sensível enquanto objeto através de formas do simbolismo lingüístico.

Para realizar seu projeto, a herança wittgensteiniana é central, sobretudo a posterior ao *Tractatus*. Em Wittgenstein, Arley Moreno encontrará o elemento

mais amplo e inspirador para sua concepção de pragmática filosófica, capaz de dar conta da idéia de necessidade no interior do universo das formas lingüísticas pré-lógicas ou (como diria Granger) “protológicas”, que correspondem a complexas *operações lingüísticas*, bastante enganadoras por sua inocente manifestação empírica. Se, afinal, dizemos que alguém ama, esquece, deseja, sente dores ou simplesmente vê, mais que descrever comportamentos ou deles dar uma explicação, aplicamos conceitos a atividades, das quais eles são critérios. E tais aplicações são condições da própria identidade do objeto, mesmo e, sobretudo, no caso de um indivíduo declarar ele mesmo que ama, sente dores ou vê. A possibilidade de dizermos que sentimos e o que sentimos não se ancora assim em uma história natural das sensações, decerto explicável, mas antes remonta às convenções lingüísticas que permitem inclusive sua narrativa, até mesmo segundo o método preferencial da ciência, o da descrição de laços causais.

Temos, assim, em sintonia com Wittgenstein, a possibilidade de estabelecer outras dimensões pragmáticas, cifrando, por exemplo, como proposições descritivas podem, ao mesmo tempo, ser independentes da experiência, de sorte que temas centrais da filosofia podem ser inseridos, com pleno direito, no interior do projeto de uma pragmática filosófica. Uma filosofia pragmática da significação deverá ser capaz de situar as formas lógicas (produtos mais bem acabados do pensamento objetivo) na vida da linguagem, mas como um produto entre outros, em nada independente de sua constituição. A necessidade então não escapará à sua natureza lingüística, mas não coincidirá com aspectos sintáticos; e sua inexorabilidade, deveras convencional, não poderá separar-se de certas ligações por que paradigmas se fixam. Com isso, até a aparente verdade metafísica de ser o preto mais escuro que o branco pode ser reconduzida ao solo pragmático em que se constituem paradigmas para a aplicação de palavras como ‘preto’, ‘branco’, ‘escuro’ e ‘claro’, organizando nossa experiência perceptiva.

A pragmática enfrenta temas centrais da filosofia, mas é, sobretudo, filosófica, porque irreduzível a qualquer remissão científica. Não coincidindo com qualquer história natural da determinação do sentido, a dimensão circunstancial que constitui a vida dos elementos pré-lógicos da significação conceitual não implica

nem supõe a análise de processos empíricos de natureza extra-simbólica, em geral, nem extralingüística, em particular, permanecendo *mutatis mutandis* no interior do domínio transcendental de inspiração kantiana. Por outro lado, porém, a filosofia que se nos propõe é, no essencial, pragmática, ou seja, elabora conceitos que permitem interpretar a diversidade de elementos pré-lógicos em sua função *reguladora* ou *constitutiva* da significação conceitual, tendo em conta a dimensão circunstancial em que tal significação é construída. A mera gênese empírica não se integra na análise da significação. Pelo contrário, cabe indicar processos de integração do empírico pela atividade simbólica que conduzem à organização formal da experiência e à constituição de objetos para o pensamento. O pigmento não é a cor, por exemplo, nem fragmentos do mundo podem determinar a aplicação da palavra 'vermelho', senão esses mesmos fragmentos já tragados pela linguagem, na qualidade de *regras* para a aplicação de palavras.

Essa é, em suma, a direção geral de uma interpretação filosófica pragmática da relação simbólica: analisar a relação primitiva de reenvio simbólico em termos de princípios elementares de organização lingüística da experiência. Essencialmente filosófica, conflita o projeto de uma pragmática com outras filosofias, das quais cuida de separar-se. Cabe destacar um persistente confronto com uma pesquisa em estilo fenomenológico, mesmo quando parece coincidir com ele. Nesses casos, porém, diante da tentação de uma solução fenomenológica, Arley Moreno precisará recorrer a procedimentos semelhantes aos de Wittgenstein, que sempre se valia dessas circunstâncias para reforçar saídas lingüísticas, em sentido bastante ampliado, simplesmente sugerindo formas de organização simbólica da experiência que possam ser aplicadas como princípios *suficientes* para a compreensão e para a construção da significação conceitual.

Qual, então, o projeto de Arley Moreno? Ora, na verdade, o projeto está ainda por vir, sendo o trabalho ora publicado um extenso texto introdutório. Como se escrevesse prolegômenos a uma doutrina da ciência que se conserva como filosofia, temos com seu trabalho, por enquanto, além de argutas análises de natureza pragmática e terapêutica e de um rico diálogo afirmativo com a história da filosofia, uma reflexão sobre a própria possibilidade de afirmação do específico do

filosofia, da manutenção não-contraditória de seu estatuto pela própria tematização paciente de sua herança e de seus resultados. Com efeito, o projeto comporta uma promessa difícil: teses filosóficas não dogmáticas. Será isso verossímil ou desejável? Um fundamento pragmático pode ter *per se* algum privilégio epistemológico? Este é um desafio que, para além da promessa ou da mera inspeção prévia da origem, tão-somente o texto vindouro poderá responder. Para tanto, consciente da dificuldade, Arley Moreno antecipa: seus esclarecimentos não seriam descrições hipotéticas, mas comentários sobre situações instauradoras de sentido, situações digamos gramaticais, ante as quais não pode haver verificações ou falseamento. Entretanto, teríamos assim posições não-dogmáticas e apresentadas todavia de maneira sistemática, como se o livro outrora sonhado por Wittgenstein, e que se lhe afigurara impossível, pudesse enfim materializar-se, simulando condições formais que, entretanto, sabe desprovidas de significação. Com isso, pretende Arley Moreno, não teríamos executado uma simples manobra sorrateira. Tal simulação, pelo contrário, seria uma condição constitutiva do discurso epistemológico sobre as condições formais da significação lingüística.

A simulação torna-se expediente preventivo de esclarecimento sistemático: Esclarecer sistematicamente as condições da significação, eis uma atividade que poderá, eventualmente, *prevenir* o pensamento contra o dogmatismo filosófico. Mas, o que seria uma tese filosófica e não dogmática a respeito da significação? A esse respeito, eis os cuidados de sua pragmática. (1) Cada tese sua descreveria processos simbólicos de natureza pragmática. Ofereceria assim esclarecimentos conceituais e não explicações hipotéticas, a exemplo de fatos lingüísticos quaisquer. (2) Sua base são resultados da terapia e não proposições. Com isso, o que se afigurava como claro paradoxo mostrar-se-ia uma incomum afirmação de coerência. Tratar-se-ia apenas de ver as regras efetivamente operando, a gramática dos usos das palavras, enquanto que, sobre sua justificação ou suas causas, não caberia formular hipóteses.

Eis, então, o solo da forma de vida – solo da boa nova, porque disposto entre o empírico e o transcendental; fundamento infenso à fundamentação, porque, uma vez reconhecido, evitaria as tentações da naturalização e de qualquer fixidez

dogmática. Com isso, temos uma retomada pragmática de temas tradicionais da filosofia: os dados imediatos pré-predicativos e as condições da predicação – ou, em termos clássicos, sensibilidade e experiência. Assim, nada sorrateira, a manobra seria explícita: incorporação da própria terapia no assentar de seus fundamentos e ao esboçar-se como teoria. A pragmática traria assim, por sua própria conformação, a vantagem de articular teses filosóficas esclarecedoras, mas não dogmáticas, a respeito da significação. E nisso pode superar seu paradoxo, ao assumi-lo como constitutivo. Podemos assim afirmar que a pragmática pretende dizer como mostra, mostrando isso da maneira por que diz. Irredutivelmente filosófica tal pragmática, suas teses não seriam dogmáticas por nada afirmarem sobre o que é, mas sobre o ser possível, ou seja, sobre o passível de descrição por nossas expressões lingüísticas familiares.

V

Como a melhor homenagem nunca é uma apologia, mas sim um diálogo, relutamos em aceitar que a terapia seja uma espécie de propedêutica, um momento negativo da elaboração, como a dúvida que antecipa certezas. Sua relação é pregnante com a pragmática, pois esta, se filosófica, não degenera suas noções compreensivas em expedientes explicativos, nem aceita renunciar com facilidade a suas noções em favor de alguma ciência que, de bom grado, as acolheria. Desse modo, procuramos sugerir e enfatizar um risco, diante do qual, devemos reconhecer, Arley Moreno é o primeiro a acautelar-se ao sugerir a natureza propedêutica da terapia, relativamente a uma epistemologia livre de pressupostos dogmáticos. Nossa dúvida é simples, trivial mesmo: será isso suficiente? Não será, ao contrário, preciso que a atividade filosófica se preserve como tal? Não terá feito concessões demasiadas, devendo a atividade filosófica continuar como reflexão conceitual sem qualquer finalidade objetivante, sem visar à construção de estruturas explicativas e causais, como o fazem as ciências, mas apenas apresentando ou sugerindo interpretações a respeito de situações vividas como totalidades pelos indivíduos? Afinal, para não desandar em teses, seu instrumento fundante (a saber, o próprio uso) deve ter flexibilidade para não se transpor em fundamentação.

Certamente, com a pragmática filosófica, o fundamento absoluto é substituído por processos de natureza pragmática, intrinsecamente vagos, ou seja, jamais universalmente necessários, pois nunca poderiam delir o solo lingüístico e convencional em que se originam. Resta saber se o projeto poderá reafirmar no estágio futuro sua mesma intuição terapêutica original e não apresentar seus resultados como teses aparentemente filosóficas sobre fatos, no caso, fatos relativos ao uso das palavras, de forma que retornaria como dado empírico uma experiência outrora colocada entre parênteses. Resta-nos, pois, saber se ligações internas, razões intralingüísticas, não seriam assim tragadas por relações externas extralingüísticas. Afinal de contas, de um estrito ponto de vista wittgensteiniano, mesmo ao fim do processo, o resultado deve ser nenhum, nenhuma tese sendo autenticamente afirmada e nada havendo a ser descoberto.

É deveras essencial a ligação do trabalho de Arley Moreno com a obra de Wittgenstein, que, em diversos casos, já exemplificaria o almejado por uma pragmática filosófica. Um exemplo terapêutico seria aquele por que Wittgenstein, procurando curar-nos da ilusão sobre os fundamentos extralingüísticos, inalteráveis e definitivos da significação, serve-se da ficção homóloga e contrapontística das caixas individuais contendo um besouro, mas cujo conteúdo só é conhecido pelo possuidor de cada caixa, sendo a palavra 'besouro' aplicada para referir a esse conteúdo privado das diferentes caixas.²⁵ Ora, nessa aplicação dialógica do processo terapêutico, veríamos bem que a afirmação não-referencialista resultante não é uma tese sobre fatos psíquicos, mas sim a descrição do que lhes possibilita o sentido, testando esse exemplo os limites da linguagem. Para Arley Moreno, este seria um claro resultado tético que, contudo, conserva a terapia. Por isso mesmo, contra qualquer aparência, o resultado não é behaviorista, sendo-lhe mesmo contrário. As ligações de sentido, que são internas, não se dão entre linguagem e mundo como instâncias separadas, mas antes pela prática lingüística, pela associação lingüística, não causal nem mecânica, entre vivências privadas e apli-

cações de palavras, uma vez que tais vivências, não sendo causas, são antes critérios lingüísticos para a aplicação de palavras.

A terapia comporta, pois, um aspecto positivo: eliminar preconceitos através da dissolução de teses. Mas esse aspecto não pretende delir sua negatividade. A filosofia terapêutica não teria então por tarefa produzir proposições gramaticais; pelo contrário, encontraria nessas proposições sua matéria-prima para reflexão, não para modificá-las ou reformulá-las, mas para deixá-las intactas após ter sido indicada, terapeuticamente, sua natureza convencional. Com isso, em relação de fundo e figura, a terapia ampararia teses preventivas e não mais dogmáticas. Entretanto, livre dos parênteses da propedêutica, não se fixaria unilateralmente a significação, não se tornaria ela uma fenomenologia que suprime a força legítima dos problemas fenomenológicos? Pode haver função, ao mesmo tempo, epistemológica e crítica? Arley Moreno parece confiar que sim. De certa forma, nesse momento, seu método parece mais herdeiro da epistemologia comparativa de Granger, com quem trabalhou por uma década, do que da pura negatividade de Wittgenstein, a quem dedicou praticamente toda sua vida intelectual. Diríamos, de modo algo provocativo, que antes tem a inspiração da epistemologia, chegando, surpreendentemente, a resultados terapêuticos. Provocativamente, como interlocutores, podemos sugerir que se arrisca muito ao deslocar-se de uma atividade terapêutica a uma filosofia da linguagem, devendo antes, ao contrário, conservar seu movimento original, qual seja, o de uma filosofia da linguagem (oriunda, no caso, de uma epistemologia comparativa) em direção a uma atividade terapêutica.

Em seu favor, Arley Moreno nos diria haver (e nos mostraria!) na própria obra de Wittgenstein tal contradição entre a afirmação da terapia, com seus concomitantes resultados negativos, e a afirmação de teses que parecem ultrapassar o mero esclarecimento conceitual.²⁶ Creio, porém, que nesse ponto Arley Mo-

(26) Arley Moreno chega a listar, ao início do capítulo "Uma Concepção de Filosofia como Atividade": "São afirmações sobre o aprendizado, i.e., distinções entre um saber como fazer, prático, e um saber a respeito de regras, teórico, guiando nossas ações; distinções que permitem a Wittgenstein es-

reno parece equivocar-se. Na verdade, serei honesto, creio que finge equivocar-se. Ele expressa perigosamente, com certa finalidade, um equívoco, que é próprio dos que, sem a mesma finalidade, lêem como behavioristas as críticas de Wittgenstein à introspecção, ou como externalista sua exposição da insuficiência lógica de critérios internos para a determinação do significado. Alguns diriam tratar-se aqui de uma diferença de ênfase, mas em filosofia, bem o sabemos, importa mesmo o detalhe e sempre alguma ênfase.

Uma vez assentadas tais teses, caso gerassem novas imagens, seriam igualmente alvo de nova terapia, nunca se encerrando a luta contra o enfeitamento do pensamento pela linguagem. E, então, uma sombra mentalista poderia bem afastar nossos exageros externalistas. Mas o equívoco é fingido, pois tematizado pelo autor. Mais ainda, não se trata de um lapso, mas da internalização de um intercâmbio tenso e consciente entre propedêutica e elaboração filosófica, entre método e resultados, entre enunciar e fazer, como bem vem ao caso em um esboço de pragmática filosófica. As razões por que aparece contraditório tal movimento situam-se assim na própria necessidade de um comentário que se ultrapassa e avança em direção a outros autores e temas. Sua fonte é uma tensão já presente em sua origem, como bem o expressara Wittgenstein, ao suspeitar que outros poderiam ter como tácito o movimento que se lhe desenhava apenas como imagem. Nesse caso, a contradição,

clarecer o conceito de “seguir regras” enquanto fundamento da ação significativa e do pensamento. São afirmações sobre estados mentais, internos, e processos físicos, externos, em suas inter-relações, visando esclarecer concepções mentalistas ou behavioristas sobre os fundamentos da ação significativa e do pensamento. Afirmações a respeito das relações entre ação e compreensão, que esclarecem o conceito de “interpretação” de regras, ao mostrar que se trata de uma atividade de manipulação simbólica exercida em contextos sociais permeados pela linguagem, e não um ato mental solipsista. Afirmações, ainda, sobre a linguagem, ao realizar a auto-terapia da concepção tractatiana de exatidão, assim como da idéia de forma lógica como essência comum da significação lingüística, e ao propor a nova concepção de linguagem, como uma diversidade de jogos simbólicos regrados, ligados entre si por meras semelhanças analógicas. Afirmações sobre as relações entre lógica e matemática, ao esclarecer o caráter convencional de ambas e sua falta de fundamento extralingüístico, assim como a falsa aparência da lógica como superciência dos fundamentos.”

apenas aparente, é o coroamento mesmo da terapia aplicada à leitura de Wittgenstein, funcionando doravante, enquanto tematizada, como uma medida preventiva contra a adoção futura de uma nova dieta unilateral.

'Pragmática' e 'filosofia' parecem termos incompatíveis. Mostrar que tal aproximação não é espúria, que os termos antes se solicitam, oferecendo-nos uma saída conceitual a muitos impasses filosóficos, é a tarefa, ou melhor, o desafio da pragmática filosófica de Arley Ramos Moreno. Nosso propósito, em parte deste texto, foi apenas apresentar algumas notas características de um autêntico esforço filosófico intimamente ligado à idéia de terapia, correndo o risco de não fazer justiça a sua novidade e força, ao tentar reproduzir o movimento por que as condições simbólicas são associadas a circunstâncias da enunciação e das aplicações das palavras. À medida que nos apresenta teses, a proposta de uma pragmática filosófica comporta também grande risco, por afastar-se de uma exigência, de um quase imperativo da filosofia de Wittgenstein, à qual, entretanto, em parte se filia e da qual em muito resulta, caso compreendamos "filiação" como contexto. Sem tal risco (aliás, consciente), teríamos um comentador a mais; no entanto, há bastante tempo, Arley deixou de escrever meros comentários, não podendo ser lido como um erro o que a comunidade filosófica já deve acolher como ousadia e originalidade.

Com efeito, em seu livro *Wittgenstein: Através das Imagens*, certamente um dos mais originais da literatura sobre Wittgenstein, Arley Moreno afirmou de modo claro a natureza terapêutica da obra wittgensteiniana. Comentador arguto, não teme aí retirar as conclusões negativas da obra, seu resultado, em última instância, nenhum:

"O discurso terapêutico se apresenta como a exploração do poder expressivo das expressões lingüísticas procurando forçar o pensamento a caminhar até situações-limite onde nossos conceitos habituais ainda podem ser reconhecidos. Marcando os limites circunstanciais da significação, essas situações permitem, apenas, relativizar o dogmatismo das imagens sem pretender colocar algo em seu lugar: apenas, negativamente, *dissolver* dificuldades."²⁷

(27) MORENO, Arley, *Wittgenstein: Através das Imagens*, p. 137.

Por isso mesmo, ao esboçar o projeto de uma pragmática filosófica (que fontes fidedignas asseguram estar bem avançado) sabe bem o preço de sua ousadia.

“(...) A natureza da atividade proposta, de acordo com o próprio Wittgenstein, impede que teses sejam avançadas (...) Nada nos impede de conceber, entretanto, contrariamente a essa concepção da atividade filosófica, uma teoria a respeito do conhecimento, inspirada precisamente nos conceitos e na concepção de linguagem presentes na prática terapêutica de Wittgenstein.”²⁸

Teria Arley Moreno se revoltado contra a disciplina do comentário? Teria aceito, em meio à negatividade, a presença pura e simples de teses, reconhecendo a sedimentação de resultados epistemológicos? A questão é mais sofisticada, sendo superficial a simples indicação de um movimento contraditório. Com efeito, mesmo em seu comentário, resultados se apresentam em seu próprio fazer-se. E o próprio resultado negativo é, como simples resultado, termo de movimento por que as condições de possibilidade da significação lingüística são elas mesmas de natureza lingüística. Assim, a própria dissolução resulta de admitir, com Wittgenstein, que “as nossas práticas diversas enquanto que estão ligadas à linguagem são instrumentos que pertencem a ela, assim como as palavras”.²⁹ Ou seja, a terapia é exatamente um resgate da dimensão pragmática como constitutiva da significação, sendo ela próprio o ingrediente que lhe permite prevenir um retorno dogmático. Também a dimensão convencional de nossas manipulações simbólicas faz destacar uma possível utilidade que não acarreta confusões filosóficas, “sob a condição surpreendentemente simples de não perdermos de vista sua natureza convencional”.³⁰ É possível assim buscar fundamentos

(28) Cf. MORENO, Arley, “Conseqüências Epistemológicas da Terapia Wittgensteiniana: Pragmática Filosófica”.

(29) MORENO, Arley, *Wittgenstein: Através das Imagens*, p. 133.

(30) MORENO, Arley, *Wittgenstein: Através das Imagens*, p. 135.

como consequência do abandono do projeto de fundamentação última das relações entre linguagem e mundo, mas, então, o uso, tornado um expediente algo salvador, não legaliza pela atribuição de normas:

“O uso é um antídoto contra o dogmatismo, não por apresentar as aplicações corretas que pudessem servir como normas, mas ao apresentar sua multiplicidade imprevisível. A razão e a linguagem incorrem no dogmatismo, não por elegerem falsas aplicações dos conceitos, mas por privilegiarem uma aplicação impondo sua dieta unilateral ao pensamento.”³¹

Uma pragmática filosófica seria uma teoria que, para não trair sua herança, deveria recusar-se como tal, não sendo o sucedâneo de um momento de caos, resgatado enfim por uma resposta única. Como projeto, não se faz sem grandes méritos, nem com poucas dificuldades. Em todo caso, pareceu-nos valioso e possível ver na disciplina do comentário que o gerou um instrumento e não um empecilho à elucubração filosófica ou, em particular, à constituição legítima de um projeto de pragmática filosófica. Afinal, em todos os casos, como inclusive neste nosso texto, o comentário é sempre um bom meio para mostrar diferenças compatíveis e proximidades incompatíveis.

RESUMO

Um traço essencial do método de Wittgenstein expressa-se precisamente em uma dada transição: aquela por que nos deslocamos da pergunta sobre a verdade para uma pergunta pelo sentido. Nesse momento, a tensão entre filosofia e terapia coloca muitos desafios. Pretendemos examinar, à luz dessa tensão, dois diálogos com a obra de Wittgenstein, talvez complementares, mesmo quando incompatíveis: o de quantos pretendem compreender a obra e o de herdeiros que, tendo-a compreendido fundamente, pretendem contudo ultrapassá-la. No primeiro caso, procuraremos mostrar como a remissão autoterapêutica confere unidade à obra, por um movimento, digamos, de latência retrospectiva. A obra desloca temas antigos para um novo solo, examinando-os com outros recursos metódicos e sob uma perspectiva que não mais pode dispensar a introdução de componentes pragmáticos. No segundo caso, mediante um breve

(31) MORENO, Arley, *Wittgenstein: Através das Imagens*, p. 136.

exame de uma valiosa contribuição filosófica (o projeto de uma pragmática filosófica), destacaremos algumas dificuldades resultantes da apresentação de teses que, sem contradição, se pretendam filosóficas e, ainda por cima, terapêuticas.

Palavras-chave: Wittgenstein - Arley Moreno - terapia - pragmática filosófica

ABSTRACT

An essential feature of Wittgenstein's method expresses itself precisely in a given transition: the one for which we move from the question about truth to a question for the sense. At that moment, the tension between philosophy and therapy places a lot of challenges. In the light of that tension we intend to examine two dialogs with the work of Wittgenstein, maybe complementary, even when incompatible: the dialog of those who intend to understand his work and the one of heirs who, having understood it deeply, intend, however, to surpass it. In the first case, we will try to show how the self-therapeutic reference grants unit to the work, by a movement, let us say, of retrospective latency. The work moves ancient themes to a new ground, examining them with other methodical resources and under a perspective that can no longer dispense with the introduction of pragmatic components. In the second case, through a brief exam of a valuable philosophical contribution (the project of a philosophical pragmatics), we will put emphasis on some difficulties resulting from the presentation of theses that, without contradiction, intend themselves to be philosophical and, still, therapeutic.

Keywords: Wittgenstein - Arley Moreno - therapy - philosophical pragmatics

Recebido em 08/2005

Aprovado em 11/2005

Referências Bibliográficas

- CUTER, João Vergílio, "A Ética do *Tractatus*", in *Analytica*, vol. 7, no. 2, 2003, p. 43-58.
- LANDIM, Raul, "Análise da Noção de Objeto e de Representação em uma Filosofia da Consciência e em uma Filosofia Lógico-Lingüística", in *Dados – revista de ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol 33, No. 3, 1990, pp. 489-517.
- MORENO, Arley, *Wittgenstein: Através das Imagens*, Campinas, Ed. Unicamp, 1993.
- _____, *Idéias para uma Pragmática Filosófica*, Campinas, Ed. Unicamp, 2005.
- PRICE, H. H., *Thinking and Experience*, Londres, Hutchinson University Library, 1953.

- SOULEZ, Antonia (Org.), *Dictées de Wittgenstein 1*, Paris, PUF, 1997.
- WITTGENSTEIN, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, 98 volumes, Ithaca, Cornell University Libraires, s.d.
- _____, *Philosophische Bemerkungen*, in Wittgenstein, Ludwig, *Werkausgabe*, vol. 2, Frankfurt, Suhrkamp, 1984.
- _____, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, Wien, Springer, 1994.
- _____, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, Wien, Springer, 1994.
- _____, *Tractatus Logico-Philosophicus*, São Paulo, Edusp, 1994.
- _____, *Bemerkungen über die Farben/Anotações sobre as Cores* (volume 2 da tese *A Gramática das Cores em Wittgenstein*), Campinas, mimeo., 1999.
- _____, *Wiener Ausgabe*, vol. 11, Wien, Springer, 2000.
- _____, *Wittgenstein's Nachlass. The Bergen Electronic Edition*, 4 volumes em CD-ROM, Oxford, Oxford University Press, 2000.
- _____, *Philosophische Untersuchungen*, Frankfurt, Suhrkamp, 2001.